

As Descobertas Lexicais Acerca de Rotatória na Região Nordestina

Mariana Spagnolo **MARTINS**¹

Josyelle Bonfante **CURTI**²

Dayse de Souza Lourenço **SIMÕES**³

¹ Doutoranda em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina - UEL. Professora Colaboradora na Universidade Norte do Paraná - UENP, *Campus* Cornélio Procópio. Contato: mariana.spagnolo@hotmail.com

² Doutoranda em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina - UEL. Revisora Linguística. Contato: joosy.curtii@gmail.com

³ Doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina - UEL (2019). Professora Doutora na Universidade Pitágoras - Unopar. Contato: dayse.lourenco1990@gmail.com

Resumo:

Com este artigo, buscamos homenagear a pesquisadora Carlota da Silveira Ferreira, colaboradora da obra *Atlas Prévio dos Falares Baianos* - APFB (ROSSI, 1963) e uma das autoras do *Atlas Linguístico de Sergipe* - ALS (FERREIRA *et al.*, 1987). A relevância desses atlas é reconhecida e constantemente lembrada nas pesquisas dialetológicas: o APFB, por ser a obra pioneira dos estudos geolinguísticos no Brasil, e o ALS, quarto atlas publicado, que é uma extensão e aperfeiçoamento dos métodos aplicados e apreendidos na elaboração do APFB. Ademais, reservamos um tópico em que discorreremos sobre a importância do Projeto ALiB, iniciativa que, além de apresentar a materialização do *Atlas Linguístico do Brasil* - ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014), tem desempenhado a missão de incentivar estudantes para pesquisas dialetológicas, permitindo a elaboração de trabalhos acadêmicos baseados no *corpus* inédito. Dessa forma, os dados coletados nos pontos da rede do ALiB referentes à Região Nordeste subsidiaram o *corpus* deste trabalho, a partir das respostas dadas à Questão 198. Rotatória/Rótula do campo semântico “Vida Urbana” (Questionário Semântico-Lexical do ALiB), cujo objetivo é descrever as variantes nordestinas no que tange ao polimorfismo da área e as possíveis descobertas acerca da predominância de uma forma sobre as outras na área analisada.

Palavras-chave:

ALiB; Região Nordeste; Variantes para Rotatória.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 25, n. 1, p. 82-93, abr. 2022

Recebido em: 02/03/2022

Aceito em: 23/05/2022

As Descobertas Lexicais Acerca de Rotatória na Região Nordestina

Mariana Spagnolo Martins; Josyelle Bonfante Curti;
Dayse de Souza Lourenço Simões

INTRODUÇÃO

A Geolinguística no Brasil inicia-se a partir do Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952, que determina, como uma das principais finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, a elaboração de um atlas linguístico do Brasil, cujo objetivo só veio a ser alcançado 60 anos depois, no ano de 2014, com a publicação dos primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) (CARDOSO *et al.*, 2014a, 2014b).

O lançamento do ALiB ocorreu durante o III Congresso de Dialectologia e Sociolinguística (III CIDS), realizado em Londrina, estado do Paraná, em homenagem às professoras Suzana Cardoso e Jacyra Mota.

Atualmente, os estudos geolinguísticos conquistaram um lugar de destaque nas academias brasileiras, graças ao trabalho de muitos pesquisadores que defendiam uma mentalidade dialetológica, tal como preconizava Silva Neto, durante a década de 50 do século passado. As obras pioneiras serviram de base para diversos trabalhos em diferentes esferas científicas e contaram com a contribuição de renomados pesquisadores, entre eles Carlota Silveira Ferreira, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), homenageada nesta edição.

A pesquisadora, quando ainda graduanda, ao lado de Dinah Isensee, participou da formulação do primeiro atlas brasileiro, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), publicado no ano de 1963, sob a coordenação de Nelson Rossi. Alguns anos depois, na data de 1987, Carlota Ferreira publica, juntamente com outras pesquisadoras da UFBA, o quarto atlas linguístico brasileiro, o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), pesquisa que tem continuidade no ano de 2002, com a publicação do segundo volume do *Atlas Linguístico de Sergipe II* (CARDOSO, 2005). Trata-se de três obras que servem de referência para os estudos dialetológicos do Português Brasileiro, em especial para o conhecimento dos falares baiano e sergipano e, por extensão, dos falares nordestinos.

Dessa forma, nas seções seguintes, tratamos de alguns aspectos desses atlas linguísticos como importantes marcos para o desenvolvimento da geolinguística no Brasil.

ATLAS ESTADUAIS DESENVOLVIDOS NA BAHIA

A Bahia foi pioneira na criação de atlas linguísticos estaduais, graças à chegada de Nelson Rossi à Universidade Federal da Bahia, em 1955, onde implantou um Laboratório de Fonética dois anos após. O *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e o *Atlas Linguístico de Sergipe* foram idealizados e concretizados, imediatamente, um após o outro, naquela universidade, embora este último só tenha sido publicado em 1987.

De acordo com Mota (2012), nos anos de 1958, em Bom Despacho, e de 1959, em São José das Itapororocas, Tanquinho e São Vicente, foram realizados inquéritos linguísticos que serviriam de base para a constituição do APFB, contando com a participação de estudantes que mais tarde viriam a fazer parte da equipe definitiva do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e do corpo docente da UFBA.

O *corpus* do APFB foi constituído a partir das respostas dadas pelos informantes naturais das 50 localidades baianas que compõem a rede de pontos. As 182 questões distribuem-se pelas áreas semânticas: terra, vegetais, homem e animais. Ao todo, a equipe do APFB entrevistou 100 informantes, analfabetos ou semianalfabetos, sendo 57 mulheres e 43 homens, entre 25 e 60 anos. Os informantes, portanto, apresentavam o perfil que mais tarde viria a ser denominado como HARAS (ZÁGARI, 1998), ou seja, homem, adulto, rústico, analfabeto e sedentário.

À época da elaboração do APFB, não havia equipamentos de gravação portáteis e de fácil manuseio para facilitar o registro das respostas dadas, o que levou os inquiridores a realizarem a transcrição fonética simultaneamente ao momento do inquérito. Ao todo, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* é composto de 11 cartas introdutórias e de 198 cartas linguísticas, que apresentam, em sua maioria, a transcrição fonética. Trata-se de atlas monodimensional, cujo objetivo é o mapeamento do subfalar baiano restrito ao estado da Bahia. Nascentes (1953), porém, havia estendido esse subfalar para além das fronteiras do estado, chegando a Sergipe, parte de Minas Gerais (Norte), de Goiás (Leste) e do atual Tocantins (Leste).

De modo geral, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) não só se constitui como obra pioneira da geolinguística no Brasil, consagrando, assim, sua importância nos estudos dialetológicos, mas também é relevante pelo incentivo ao desenvolvimento de pesquisas geolinguísticas no Brasil.

Ratificando a pertinência do APFB, trazemos as palavras de Mota (2012, p. 512):

Destaca-se a importância do APFB, não só por haver possibilitado um maior conhecimento da área, especialmente de grande parte do chamado falar baiano, na conhecida proposta de Nascentes (1953), fornecendo dados empíricos sistematicamente recolhidos e analisados, mas também pelo incentivo ao desenvolvimento da área de estudos dialectológicos e, especialmente, geolinguísticos no Brasil.

A partir da publicação do APFB, em 1963, surgiram outros projetos de atlas estaduais que, posteriormente, foram publicados: *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (EALMG), em 1977; *Atlas linguístico da Paraíba* (ALPB), em 1984; *Atlas linguístico de Sergipe* (ALS), em 1987, *Atlas linguístico de Sergipe II* (ALS II), 2005, *Atlas linguístico do Paraná* (ALPR), em 1996, e *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), em 2002; *Atlas Linguístico Sonoro do Pará*, em 2004; *Atlas Linguístico do Estado do Ceará*, em 2010; *Atlas Linguístico do Amapá*, em 2017. O ALPR II, ainda não publicado, é resultado de tese defendida por Altino, em 2007.

O *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), de autoria de Ferreira e outras pesquisadoras, além de Nelson Rossi, é o quarto atlas estadual publicado no Brasil. O ALS, assim como os demais atlas estaduais, constitui-se como um mapeamento linguístico que registra o vernáculo em suas manifestações fonéticas e lexicais coletadas por meio de uma entrevista dialetal. O atlas de Sergipe foi idealizado em 1963, logo após a publicação do APFB, e publicado em 1987.

Os instrumentos metodológicos utilizados na elaboração do APFB serviram de base para a constituição do ALS e do ALS II, a começar pelo questionário aplicado nas localidades em Sergipe formado por 686 questões, das quais 182 foram utilizadas para o APFB. Os campos semânticos do atlas de Sergipe seguem o modelo do APFB, ou seja, os temas abordados dizem respeito à terra, aos vegetais, ao homem e aos animais.

A rede de pontos do ALS é composta de 15 localidades, cobrindo todo o estado de Sergipe; dessas, sete cidades coincidem com pontos da proposta de Nascentes (1953). Ao todo, foram entrevistados 30 informantes, na faixa etária de 35 a 53 anos, sendo homens e mulheres com níveis de instrução que variam entre analfabetos, semianalfabetos e alfabetizados. O resultado do mapeamento consiste em 180 cartas, sendo 11 introdutórias e 169 cartas lexicais com transcrição pormenorizada.

Passados 15 anos, em 2002, Cardoso publica, como tese de doutorado, o *Atlas Linguístico de Sergipe II*. Segundo a autora, o ALS II representa uma retomada dos materiais de campo, ainda inéditos, do primeiro volume. A obra apresenta algumas particularidades, como o foco na área semântica HOMEM, a contemplação da variável diagenérica⁴ – não explorada no ALS (1987) – e os comentários sobre os aspectos salientados pelas informações cartografadas. A tentativa de interpretação dos dados dialetais permite classificar o ALS II como um atlas de segunda geração, quer dizer, “aqueles que extrapolam o registro em mapa geolinguístico, avançam na interpretação dos fenômenos anotados, vistos na perspectiva particular de cada um ou na sua inter-relação com outros documentos” (CARDOSO, 2005, p. 116).

⁴ Trata-se da variação relacionada à geração do informante (jovens e idosos) em ambos os sexos (masculino e feminino).

Tanto o APFB quanto o primeiro e o segundo volumes do *Atlas Linguístico de Sergipe* são atlas voltados para questões mais ligadas à vida do campo. Dessa forma, os resultados linguísticos apresentados nas cartas dos três atlas retratam, em grande parte, um conhecimento rural, como os registros de *cilba*, *cincha* e *barrigueira* para a peça do arreio que passa na barriga do animal para segurar a sela ou a carga (APFB – Carta 145R), como também de *lavrador*, *ganhador*, *diarista*, *pataqueiro*, *macaqueiro* e *jornaleiro*, que podem denominar o Trabalhador de enxada (APFB – Carta 23) ou o Trabalhador de enxada em roça alheia (ALS – Carta 24).

Os acervos fonético e lexical registrados no APFB (1963), no ALS (1987) e no ALS II (2002) salvaguardam variantes que poderiam ter se perdido ao longo tempo, bem como seriam desconhecidas pela maioria dos falantes que vive em centros urbanos.

Ressaltamos, também, a importância do contato que jovens pesquisadores tiveram com os estudos dialetológicos desde a graduação, participando, inclusive, da pesquisa de campo na coleta de dados para esses atlas.

A IMPORTÂNCIA DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA PARA OS ESTUDOS DIALETAIS

Como vimos, para a realização dos atlas da Bahia e de Sergipe, os pesquisadores não dispensaram a contribuição dos alunos da graduação em Letras nas várias etapas da sua elaboração⁵.

Seguindo a tradição, para o *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), tornou-se imprescindível a participação ativa dos jovens pesquisadores, tanto como inquiridores como nos trabalhos dialetais coletados nas 250 localidades junto aos 1.100 informantes. Além do mais, o ALiB contribuiu com a formação acadêmica de mestres e de doutores que iniciaram seus estudos como voluntários ou bolsistas de Iniciação Científica do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

O Projeto ALiB, como ferramenta de formação e incentivo à pesquisa dialetológica no Brasil, conta com a Coleção *Descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores*, que já tem quatro volumes publicados⁶ e mais dois volumes em fase de revisão, para serem lançados em breve.

A Coletânea reúne trabalhos sobre os dados do *corpus* do Projeto ALiB desenvolvidos por bolsistas e voluntários da iniciação científica, com o objetivo de reconhecer e oportunizar publicidade a essas pesquisas, disseminando a colaboração desses alunos. Além do mais, a prática de valorização das pesquisas dialetológicas e geolinguísticas, no que tange à iniciação científica, é fundamental para estimular novos alunos a vivenciarem a experiência de pesquisadores durante o curso de graduação. Os trabalhos publicados na Coleção *Descrevendo a Língua, formando jovens pesquisadores* abordam, entre diversos estudos, temas relacionados aos vários aspectos da linguagem: fonética, prosódia, léxico e morfossintaxe.

O programa Iniciação Científica remete a iniciativas já consagradas, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pelas fundações estaduais, que encaminham jovens estudantes para o contato direto com projetos de pesquisa desenvolvidos pelos docentes dos cursos de Letras, incentivando-os à participação em seminários e em congressos. Dessa forma, são orientados a redigir resumos, relatórios e artigos, individualmente ou em parceria com seus orientadores. Essa experiência bem-sucedida tem encaminhado a maioria dos jovens pesquisadores para os programas de pós-graduação e, futuramente, para ingressar em cursos de Letras, como docentes e pesquisadores. São muito frequentes e benéficos a todos exemplos de professores doutores que hoje ministram aulas em importantes universidades espalhadas pelo Brasil, como a UFSC, a UFBA, a UFPE, a UNIPAMPA, a UENP, a UNIT e a UNOPAR, entre outras, mas começaram suas empreitadas acadêmicas durante a graduação, como voluntários ou bolsistas de projetos de pesquisas.

Dessa maneira, o destaque às pesquisas dialetais pode apontar não só o incentivo acadêmico, por meio do Projeto ALiB, mas também o incentivo à manutenção da mentalidade dialetológica que originou e

⁵ Não só o APFB e o ALS, mas também o ALPR (AGUILERA, 1994) contou com a participação de duas bolsistas de iniciação científica que realizaram entrevistas em mais de um ponto e alguns alunos de Letras que fizeram entrevistas em um só ponto.

⁶ Para mais informações, consultar o *site*: <https://alib.ufba.br/publicacoes>.

disseminou muito conhecimento acerca do vernáculo. Reiteramos que esse incentivo, seguramente iniciado com a publicação do APFB, marcou o pioneirismo dos estudos geolinguísticos no Brasil e motivou as produções posteriores, que resultaram em dissertações e em teses sobre aspectos linguísticos das várias regiões (ALTINO, 2007; RIBEIRO, 2012; FREITAS-MARINS, 2012; ROMANO, 2015; YIDA, 2019).

Nos tópicos a seguir, passamos aos pressupostos metodológicos e à análise dos dados, momento em que apresentamos os métodos utilizados na elaboração deste trabalho e os resultados obtidos com esta reflexão.

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS

Após um breve panorama sobre os primeiros atlas linguísticos e a forma como representam o incentivo imprescindível para a pesquisa geolinguística e a formação de profissionais da área, passamos para a análise do material utilizado como *corpus* deste artigo.

Nessa empreitada, propomos uma análise do comportamento das variantes obtidas a partir da pergunta **198. Rotatória/Rótula** do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, assim formulada: *Como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?* A partir desse questionamento, constituímos o *corpus* deste estudo, composto de 267 respostas, distribuídas por 31 designações obtidas na fala dos 312 informantes naturais das localidades nordestinas selecionadas para a rede de pontos do Projeto.

As 78 localidades investigadas distribuem-se por nove pontos linguísticos do estado do Maranhão (25- *Turiaçu*, 26- *São Luís*, 27- *Brejo*, 28- *Bacabal*, 29- *Imperatriz*, 30- *Tuntum*, 31- *São João dos Patos*, 32- *Balsas* e 33- *Alto Parnaíba*), cinco pontos do Piauí (34- *Teresina*, 35- *Piripiri*, 36- *Picos*, 37- *Canto do Buriti* e 38- *Corrente*), 12 pontos do Ceará (39- *Camocim*, 40- *Sobral*, 41- *Fortaleza*, 42- *Ipu*, 43- *Canindé*, 44- *Cratêus*, 45- *Quixeramobim*, 46- *Russas*, 47- *Limoeiro do Norte*, 48- *Tauá*, 49- *Iguatu* e 50- *Crato*), cinco inquéritos do Rio Grande do Norte (51- *Mossoró*, 52- *Angicos*, 53- *Natal*, 54- *Pau dos Ferros* e 55- *Caicó*) e seis da Paraíba (56- *Cuité*, 57- *Cajazeiras*, 58- *Itaporanga*, 59- *Patos*, 60- *Campina Grande* e 61- *João Pessoa*); o estado de Pernambuco conta com 12 localidades (62- *Exu*, 63- *Salgueiro*, 64- *Limoeiro*, 65- *Olinda*, 66- *Afrânio*, 67- *Cabrobó*, 68- *Arcoverde*, 69- *Caruaru*, 70- *Recife*, 71- *Floresta*, 72- *Garanhuns* e 73- *Petrolina*), Alagoas, com quatro (74- *União dos Palmares*, 75- *Santana de Ipanema*, 76- *Arapiraca* e 77- *Maceió*) e Sergipe, com três pontos linguísticos (78- *Propriá*, 79- *Aracaju* e 80- *Estância*). Por fim, o estado baiano constitui 22 inquéritos (81- *Juazeiro*, 82- *Jeremoabo*, 83- *Euclides da Cunha*, 84- *Barra*, 85- *Irecê*, 86- *Jacobina*, 87- *Barreiras*, 88- *Alagoinhas*, 89- *Seabra*, 90- *Itaberaba*, 91- *Santo Amaro*, 92- *Santana*, 93- *Salvador*, 94- *Valença*, 95- *Jequié*, 96- *Caetité*, 97- *Carinhanha*, 98- *Vitória da Conquista*, 99- *Ilhéus*, 100- *Itapetinga*, 101- *Santa Cruz Cabralia* e 102- *Caravelas*).

Uma vez selecionadas as questões para o estudo, procedemos às seguintes etapas: (i) audição dos inquéritos; (ii) transposição dos dados para uma tabela do *software* Excel; e (iii) transferência do material linguístico para o *software* SGVCLin (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014), ferramenta utilizada para a geração das cartas linguísticas apresentadas na descrição dos dados nordestinos.

DESCRIÇÃO DOS DADOS COLETADOS NA REGIÃO NORDESTE

Essa questão relacionada à Vida Urbana foi uma das mais suscetíveis a não respostas, de tal modo que, nas nove capitais nordestinas, esperávamos, pelo menos, 36 respostas, que correspondem aos quatro informantes do nível fundamental por localidade⁷. No entanto, não obtivemos a resposta de 12 informantes, o que equivale a pouco mais de 33% do total. Vários motivos contribuíram para essa ausência de resposta: problemas na gravação, não aplicação da questão, desconhecimento do referente por parte do informante e esquecimento do nome daquele espaço, entre outros. No interior dos estados nordestinos, foram entrevistados 276 informantes em 78 localidades, mas não obtivemos a resposta de 73 deles (26%) pelas mesmas causas mencionadas. O maior número de não respostas foi observado entre as mulheres da Faixa I (41%) e as da Faixa II (29%).

⁷ Nas capitais, foram entrevistados oito informantes, quatro dos quais deveriam ter completado o curso universitário. Neste estudo, para homogeneizar a amostra, analisamos somente as respostas dos quatro que frequentaram o nível fundamental.

O cenário linguístico encontrado na fala dos nordestinos evidencia o polimorfismo presente na região acerca das variantes para *rotatória*, isto é, 31 itens. Para buscar uma explicação para essa multiplicidade de formas, muitas das quais com baixo índice de frequência, verificamos, inicialmente, a formulação da pergunta: *Como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?* Acreditamos que, ao questionar sobre o *trecho da rua ou da estrada*, os termos *rua* e *estrada* revelam dois contextos diferentes, que poderiam ter gerado ambiguidade na questão e oscilação na resposta.

Como sabemos, a lexia *rua* remete a um contexto mais urbano, em que as vias são construídas ao redor de casas e de prédios como forma de organização do espaço público, possibilitando um fluxo ordenado entre os carros e os pedestres. Já *estrada* pressupõe uma “via mais larga que um caminho, transitada por pessoas, animais e/ou veículos”, e também pode ser “qualquer caminho para circulação de seres ou meios de transportes” ou até mesmo o “conjunto de estradas de uma região, estado ou país” (HOUAISS, 2009).

Ao considerar a abordagem da questão e a possibilidade de interpretações distintas relatadas pelos informantes, demonstradas na polissemia dos dados obtidos na região nordestina, constatamos que alguns itens lexicais do *corpus* analisados se referem a contextos diferentes: apenas ao urbano, apenas ao não urbano ou a ambos simultaneamente. Como exemplos, temos, respectivamente: *praça*, *trevo* e *contorno*.

Outro fator que pode ter influenciado a multiplicidade de formas seria a inexistência desse espaço nas localidades menores e menos povoadas.

Levando em conta as 267 respostas válidas, observamos que *retorno* é a forma mais produtiva (33,3%) e presente em todos os estados da região, com maior frequência na região Norte-Oriental (MA, PI, CE, RN, PB, PE e AL) e predominância nos pontos do Maranhão, do Ceará e do Rio Grande do Norte. O grupo *outras* apresenta a junção das formas pouco produtivas e ocorrências únicas (32,2%). *Contorno*, a segunda lexia mais mencionada no Nordeste (16%), está presente na região Oriental, mais especificamente no estado da Bahia, concorrendo, em alguns pontos, com *retorno*. Seguem-se *balão* (10,4%) e *trevo* (8,2%).

O Quadro 1 apresenta as variantes mais produtivas, o número de ocorrências e o percentual registrados na região Nordeste do País.

Quadro 1 - Percentuais das variantes mais produtivas e outras - Nordeste.

Variantes	Número de ocorrências	%
Retorno	89	33,3
Outras	86	32,2
Contorno	42	16
Balão	28	10,4
Trevo	22	8,2
Total	267	100

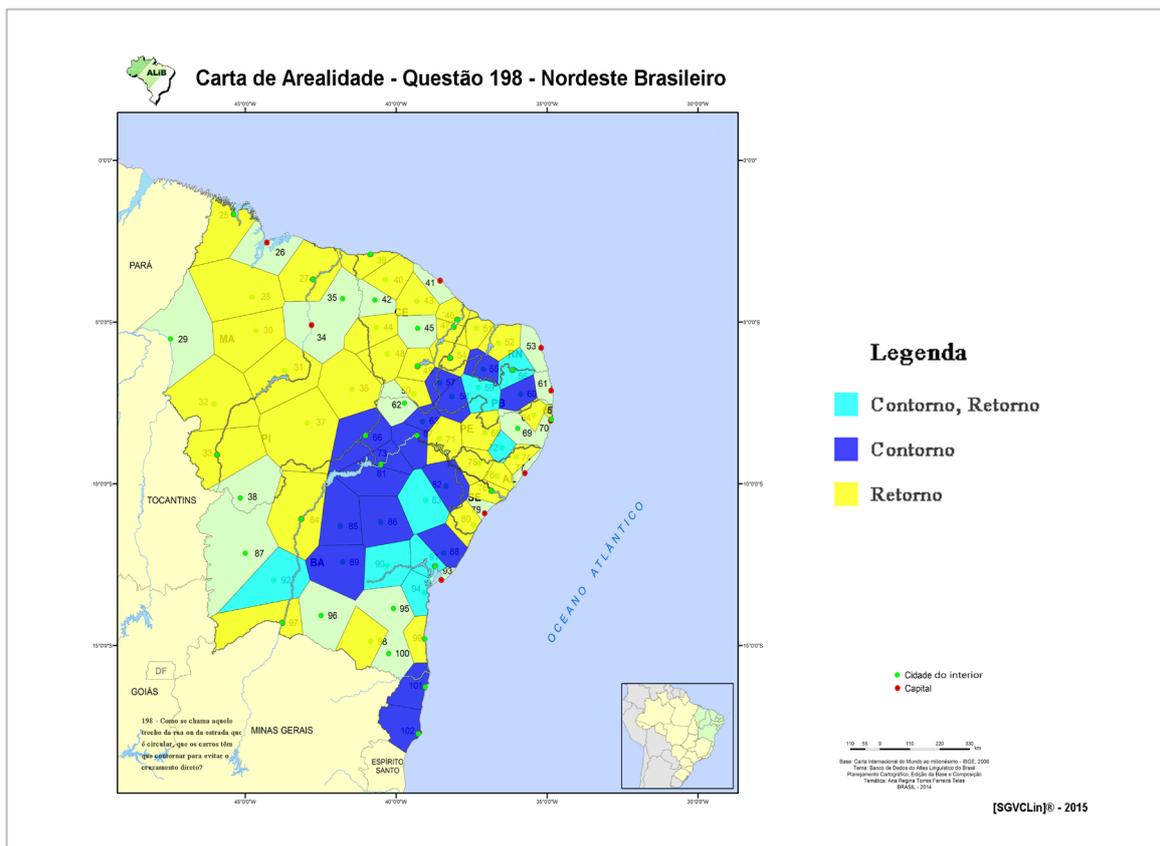
Fonte: Elaborado pelas autoras com os dados da pesquisa.

O Quadro 1 mostra que o acervo lexical para denominar a *rotatória* é muito mais profícuo. Assim, na classe denominada *outras*, incluímos as variantes com frequência inferior a 5%. Dada a semelhança morfofonêmica de alguns itens lexicais, julgamos oportuno agrupar alguns deles, tais como: *girador*, *giratório* e *giro*, que, juntos, contabilizam 14 registros; *curva*, *curva giratória* e *vira curva*, que também totalizam 14 ocorrências; *anel* e *anel viário*, com sete; *círculo*, *círculo giratório*, *fazer círculo* e *circular*, com seis registros; *praça*, *pracinha*, *praça no meio do mundo*, com quatro; *roda*, *roda do prefeito*, com cinco; e *interseção*, *interseção em círculo*, com três; lexias com até 10 registros: *cruzamento*, com 10; *desvio*, com seis; *encruzilhada*, com três; *canteiro*, com duas; *entroncamento*, com duas; *triângulo*, com duas; e, como formas únicas na região: *rótula*, *redondo*, *centro da pista*, *largo*, *rodoanel*, *ilha*, *rotativa* e *passagem*.

Para melhor ilustrar a distribuição areal das variantes mais frequentes, elaboramos as Cartas 1, 2, 3 e 4. A primeira traz as duas formas mais frequentes na fala dos nordestinos, por meio de uma carta de arealidade simples.

No caso, a Figura 1 ilustra a maior ou menor concentração das lexias *retorno* e *contorno* quanto às possíveis áreas lexicais que podem ser apresentadas: em amarelo, a distribuição areal de *retorno*; em azul escuro, a de *contorno*; e as ocorrências duplas, isto é, registros simultâneos das duas lexias, estão destacadas na cor azul piscina.

Figura 1 - Carta experimental 1 - Formas mais frequentes - Questão 198/Rotatória - Nordeste brasileiro.



A lexia *retorno*, com 89 registros (33,3% do total), foi elicitada nas capitais e na maioria dos municípios nordestinos que compõem a rede de pontos do ALiB. Nas capitais, grandes centros urbanos, essa variante ocorreu na fala dos informantes de São Luís (Infs. 3 e 4), Fortaleza (Infs. 2 e 3), Natal (Inf. 3 e 4), João Pessoa (Inf. 2), Recife (Inf. 1), Maceió (Inf. 1), Aracaju (Inf. 2) e Salvador (Inf. 3). Ao todo, foram registradas 11 ocorrências de *retorno* nas capitais e 78 nos municípios do interior. Quanto às ocorrências de *contorno*, observamos um cenário diferente no que tange aos registros das capitais e dos municípios do interior. Os dados revelaram que, dos 42 registros de *contorno*, 39 ocorrências são destinadas aos pontos do interior e apenas três registros foram encontrados nas capitais João Pessoa (Inf. 2 e 3) e Recife (Inf. 3).

Para elaborar a carta das outras duas variantes consideradas produtivas na região nordestina, *balão* e *trevo*⁸, optamos pela carta gradual, cuja finalidade é marcar a incidência das lexias apresentadas de acordo com o índice de ocorrência, demonstrando a produtividade de cada uma por meio dos tons de azul. Desse modo, quanto maior o número de ocorrências (no máximo quatro ocorrências por ponto), mais escura é a tonalidade utilizada para indicar a frequência de uso na área.

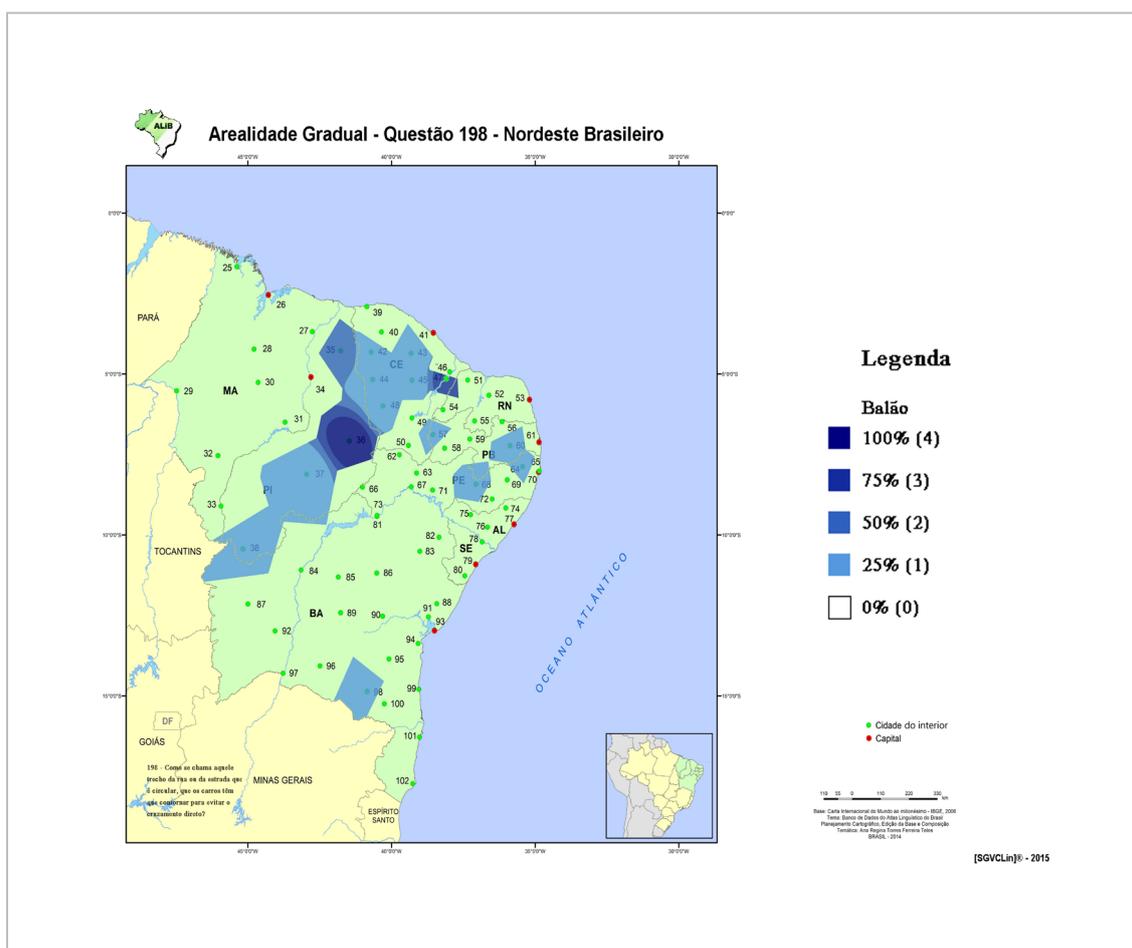
⁸ Balão com 12% de produtividade (28 registros) e trevo com 10% (22 ocorrências).

A Carta Experimental 2, Figura 2, exibe as frequências dos registros de *balão*, sendo 25% referente a um único registro da variante, apresentado na cor azul clara, nos seguintes pontos linguísticos: 37- Canto do Buriti (Piauí), 38- Corrente (Piauí), 42- Ipu (Ceará), 45- Quixeramobim (Ceará), 48- Tauá (Ceará), 61- João Pessoa (Paraíba) e 70- Recife (Pernambuco).

À medida que as ocorrências aumentam, a tonalidade da cor intensifica-se. Conforme a porcentagem da carta gradual, 50% referem-se a dois registros da lexia, obtidos em: 35- Piri-piri (Piauí); já o percentual de 75% representa três ocorrências, encontradas em 47- Limoeiro do Norte (Ceará), e 100% destinam-se aos pontos cujos dados foram obtidos na fala de todos os informantes; no caso de *balão*, os registros ocorreram na capital Teresina, do Piauí, e em 36- Picos, município interiorano do mesmo estado.

A seguir, apresentamos a Figura 2, com a gradualidade dos dados para a variante *balão*, e a Figura 3, com os registros de *trevo*, também em representação gradual.

Figura 2 - Carta experimental 2 - Arealidade da variante *balão* no Nordeste brasileiro.



Fonte: Elaborada pelas autoras com base nos dados do Projeto ALiB.

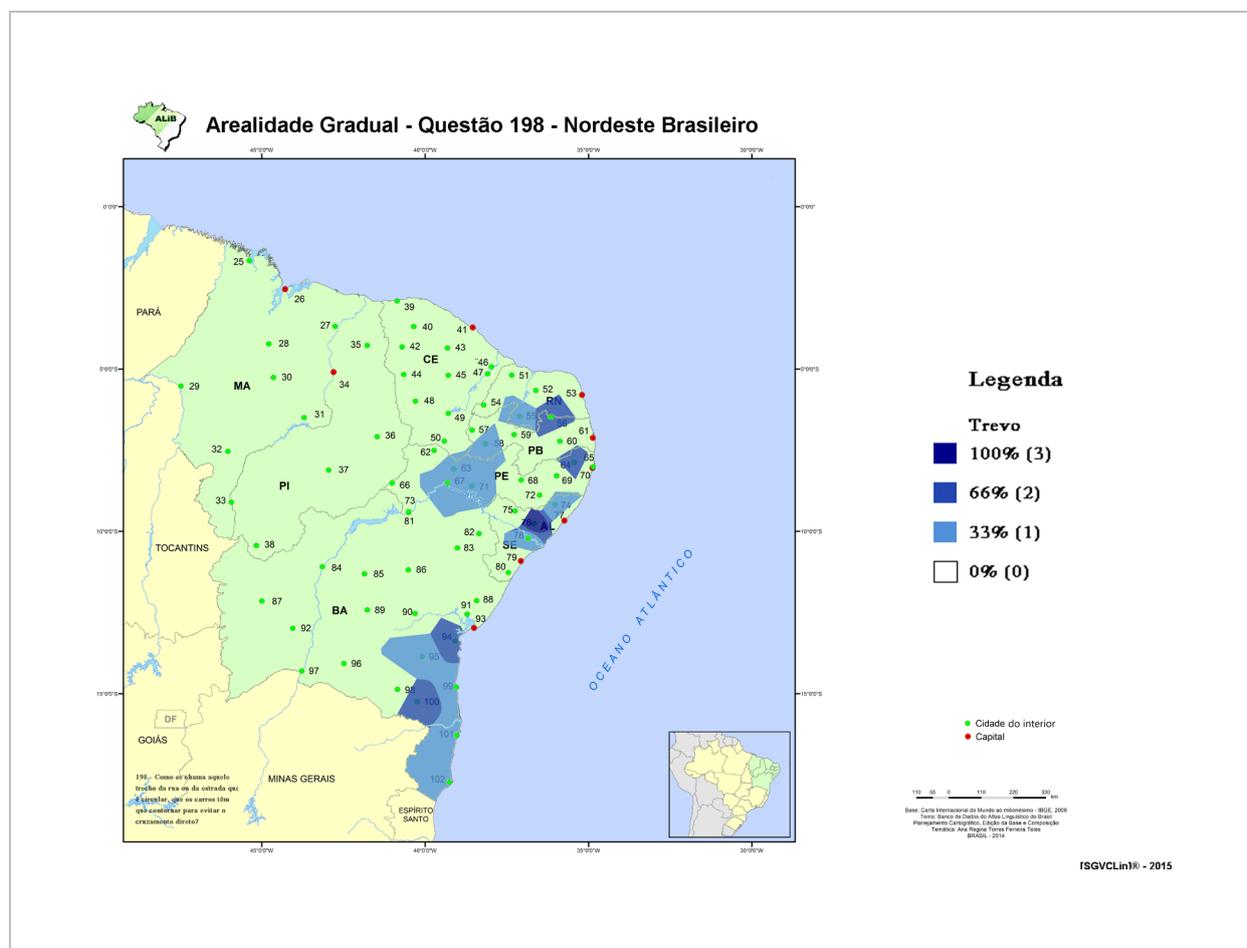
Conforme mostra a Carta 2 da Figura 2, a lexia *balão* é produtiva no Piauí, recobrendo toda a extensão do estado, com registros esparsos nos estados de Ceará, Pernambuco, Paraíba e Bahia. O comportamento da lexia pode ser encarado como exclusivo da fala dos piauienses, visto que a forma foi registrada nos quatro pontos linguísticos que compõem a rede desse estado (035- Piri-piri, 036- Picos, 037- Canto do Buriti e 038- Corrente). Afirmamos que a exclusividade de *balão* deve-se ao fato de que apenas no Piauí ela ocorre em todas as localidades investigadas.

Diferentemente da carta gradual de *balão*, a cartografia de *trevo*, a seguir, representa com 100% a ocorrência de três registros por ponto linguístico. O fato se dá por conta do comportamento da lexia, sendo citada na fala de três dos quatro informantes do município de 76- Arapiraca (Alagoas). Na gradação inferior

à porcentagem de 100%, temos o porcentual de 66%, equivalente a duas ocorrências por pontos linguísticos: 56- Cuité (Paraíba), 94- Valença (Bahia) e 100- Itapetinga (Bahia); e 33% referem-se aos registros únicos por localidades: 55- Caicó (Rio Grande do Norte), 63- Salgueiro (Pernambuco), 64- Limoeiro (Pernambuco), 71- Floresta (Pernambuco), 74- União dos Palmares (Alagoas), 95- Jequié (Bahia), 101- Santa Cruz Cabrália (Bahia) e 102- Caravelas (Bahia).

A Figura 3 traz a distribuição gradual dos dados para a variante *trevo* no interior da Região Nordeste do Brasil.

Figura 3 - Carta experimental 3 - Distribuição da variante *trevo* - Nordeste brasileiro.



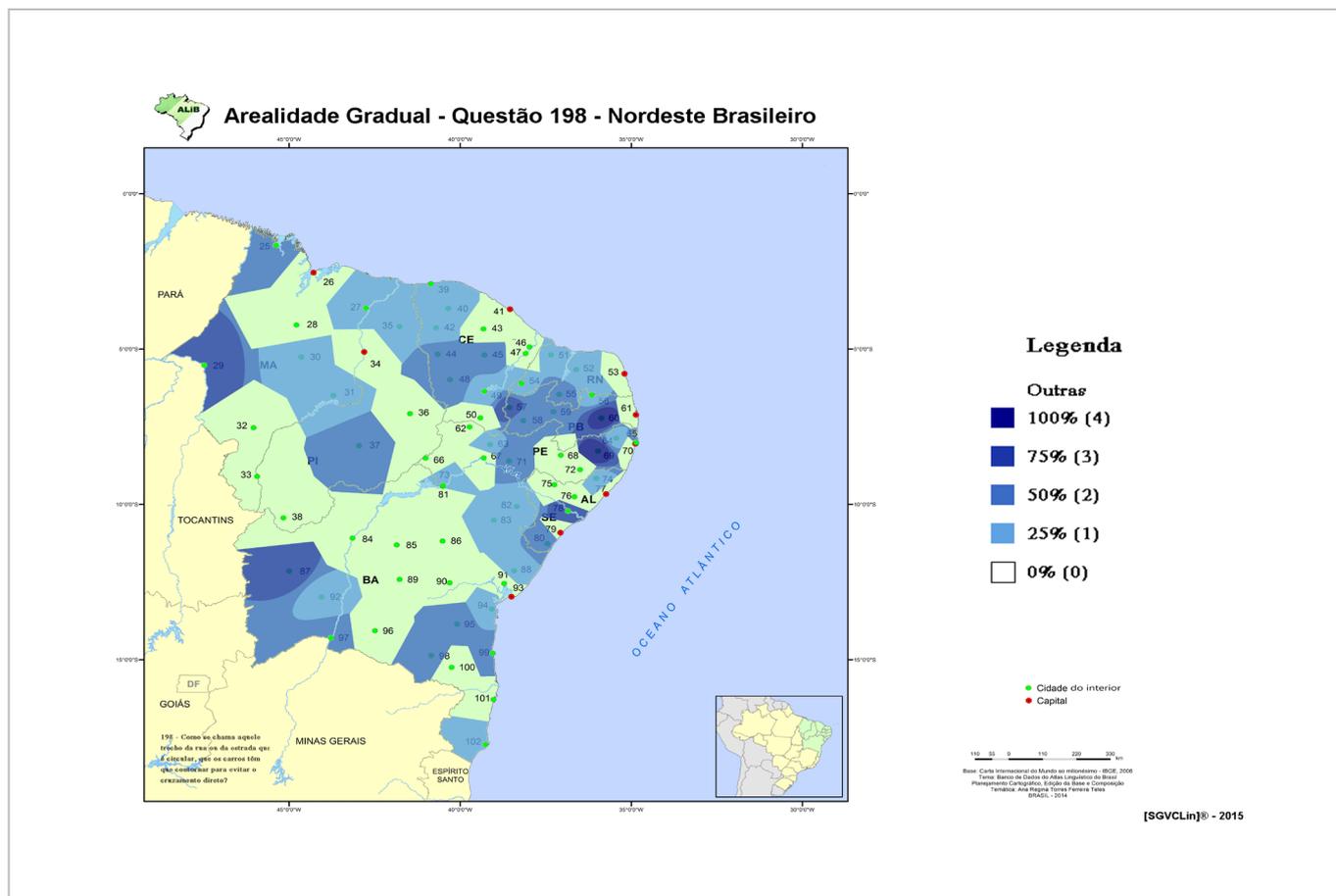
Fonte: Elaborada pelas autoras com base nos dados do Projeto ALiB.

Em síntese, a variante *trevo* distribui-se pelos estados do Rio Grande do Norte, de Pernambuco, da Paraíba, de Alagoas e de Sergipe. À medida que se expande pelo estado da Bahia, a lexis concentra-se na área conhecida como Zona da Mata, próxima da divisa com Minas Gerais e Espírito Santo.

Comparando a distribuição das formas *balão* e *trevo*, podemos notar que, nos estados mais ao Noroeste da região nordestina, há certa produtividade do uso de *balão* e alguns indícios dessa lexis na Paraíba, em Pernambuco e na Bahia. Fato que não caracteriza uma área dialetal, mas pode confirmar que a forma *balão* é a preferida na fala piauiense no que tange aos registros para a Questão 198/QSL. *Trevo*, por sua vez, ocorre exclusivamente nos estados da Paraíba, de Pernambuco e da Bahia, tendo maiores registros na fala baiana.

Na ausência ou no desconhecimento de um nome regional ou local para esse espaço da via pública urbana, o falante lança mão de recursos da língua para nomear o referente solicitado, ora usando metáforas, ora usando metonímias. Trata-se de uma maneira de expandir o significado de um nome para outro, tais como em *curva*, *volta*, *desvio*, *circular*, *encruzilhada*, *roda* e *praça*. Agrupamos na classe de *outras* todos os registros que apresentaram baixa frequência, conforme mostra a Carta 4, da Figura 4.

Figura 4 - Carta experimental 4 - Outras - Nordeste brasileiro.



Fonte: Elaborada pelas autoras com base nos dados do Projeto ALiB.

Vemos, a partir da cartografia, a disseminação das várias lexias encontradas para a Questão 198/QSL. A multiplicidade de nomes atribuídos a um mesmo referente aponta, além da polissemia dos dados, a não fixação de uma norma lexical para a Questão 198.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DOS DADOS

A partir da descrição dos dados registrados na fala dos informantes de 78 pontos da região Nordeste, observamos que ainda não há uma forma que represente a norma para o conceito *circular encontrado nas ruas ou estradas que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto* na fala nordestina. Os dados revelam as ocorrências das formas mais produtivas, que ordenam *retorno* (89 ocorrências - 33,3%) como a mais utilizada na região, seguida de *contorno* (42 ocorrências - 16%), de *balão* (28 ocorrências - 10,4%) e de *trevo* (22 ocorrências - 8,2%).

Por meio desses índices, traçamos algumas características regionais, já que, no estado do Maranhão, a variante preferida é *retorno* e, em algumas localidades desse estado, a variante atinge 100% do uso, comprovando uma possível harmonia lexical em relação ao item pesquisado. O mesmo constatamos no estado vizinho, Piauí, que registra *balão* em todas as localidades exploradas.

Todavia, nos estados do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Pernambuco, de Alagoas, de Sergipe e da Bahia, verificamos o polimorfismo para nomear o referente, pois, por mais que haja uma forma em destaque, como *retorno*, no CE, RN, AL e SE, e *contorno*, na PB, PE e BA, em muitos casos, essas formas vinham acompanhadas de outra lexia (resposta duplicada do mesmo informante).

Ao findar esta reflexão, destacamos o avanço da geolinguística no Brasil a partir do APFB, que motivou os estudos em outros estados e culminou com a formação do Comitê Nacional responsável pela elaboração do ALiB. Graças aos esforços dos pesquisadores que assumiram missões cansativas e longas, viajando

pelos municípios e pelas capitais distribuídas por todo o território nacional, ouvindo os saberes populares e conhecendo histórias e compartilhando conhecimentos acerca do vernáculo falado no Brasil, temos, hoje, dois volumes publicados do ALiB e três outros em andamento.

Os dados analisados neste artigo demonstram a riqueza diversificada das lexias destinadas a apenas uma pergunta do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB e levaram-nos a registrar que, na fala nordestina, de modo geral, *retorno* e *contorno* são os mais frequentes para nomear o referente circular que organiza os carros nas vias urbanas. Ao mesmo tempo, ressaltamos a criatividade do falante atuando na ausência de uma forma que atenda à norma local ou regional.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.
- ALTINO, F. C. *Atlas linguístico do Paraná II*. 2007. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007. 2 v.
- CARDOSO, S. A. M. *Atlas linguístico de Sergipe II*. 2002. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. 2 v.
- CARDOSO, S. A. M. Sergipe: um estado com dois atlas. In: AGUILERA, V. de A. (org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 2005. p. 101-135.
- CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas linguístico do Brasil*. Introdução. Londrina: EDUEL, 2014a. v. 1.
- CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas linguístico do Brasil*. Cartas Linguísticas. Londrina: EDUEL, 2014b. v. 2.
- COMITÊ Nacional do Projeto ALiB. *Atlas linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.
- FERREIRA, C. et al. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- FREITAS-MARINS, L. G. *O rural e o urbano: novos e velhos falares na região Centro-Oeste do Brasil*. 2012. 310 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MOTA, J. Dois momentos da geolinguística no Brasil: APFB e ALiB. In: LOBO, T. et al. (orgs.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 509-518.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].
- RIBEIRO, S. S. C. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano*. 2012. 466 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- ROMANO, V. P. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015. 2 v.
- ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] - *Software* para geração e visualização de cartas linguísticas. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, n. 1, p. 119-151, 2014.
- ROSSI, N. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

YIDA, V. *Normas lexicais no português brasileiro: uma descrição de regionalismos nos dados do campo semântico da alimentação e cozinha do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. 2019. 398 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

ZÁGARI, M. R. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. *In: AGUILERA, V. de A. (org.). A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998.